

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: ALITA VIEIRA

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI, JEANINA DAHER E VERA CATALÃO

DATA: 13.01.90

FINAL

PERG.: PROFESSORA ALITA, A SENHORA ESTAVA FALANDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA DIRETORA NESSE PERÍODO, QUE ERA... QUANDO A FITA ACABOU. ENTÃO, NÓS GOSTARÍAMOS QUE A SENHORA FALASSE UM POUCO... (ALITA: Repetisse um pouquinho.) - ...É!

RESP.: Eu considero que a diretora... havia mais responsabilidade da diretora na escola. Ela era mais comprometida com o sistema. Então, ela era administrativamente, pedagogicamente responsável pelos resultados na escola, os resultados avaliados na escola. Então, não sei se... (ENTREV.: A SENHORA FALOU QUE NESSE PERÍODO, AS ESCOLAS ERAM MAIS CUIDADAS.) - ...é! o problema de reparo na escola... eu não sei, porque as escolas eram mais novas; as escolas eram muito limpas. As escolas do Gama, dava gosto de servir numa escola, porque o Gama, era um lugar onde só tinha poeira. Então, era um oásis. Você entrava numa escolinha, você encontrava flor, você encontrava grama, você encontrava a escola muito bem cuidada. Agora, também havia... eu sinto, que com o supletivo à noite, houve muita depredação nas escolas do primário.

PERG.: QUANDO COMEÇOU O SUPLETIVO À NOITE NAS ESCOLAS, VOCÊ LEMBRA?

RESP.: Dependeu! diversas escolas... foi num período... a necessidade quando começou a implantar o ensino supletivo, foi uma necessidade numa escola ou outra. Então, eu creio que alguns dos supletivos não tinham o mesmo cuidado e não tinham professores tão atentos na conservação da escola. Então, houve assim, os diretores reclamavam demais do ensino supletivo, no reparo dos banheiros, no reparo da escola em geral. Então, não havia, não havia (INCOMPLETO). Agora, quando era só ensino primário, a escola era mais fácil de conservar. Então, era muito mais fácil assim, muito carinhosamente cuidadas, sabe? sentia... as crianças cuidavam, as crianças lavavam a es-

cola. No sábado, voltavam para a escola para lavar a escola, junto com os serventes. Aquilo, eu achava bonito, eu achava... nos deu problema, porque havia pais que não aceitavam o filho ser servente de escola. Nós tínhamos que convencer os pais, que o filho também fazia parte da escola. Então... e eles iam com todos grêmios, iam todos lá. A escola estava precisando... nós lavávamos o laguinho da 114, chamado: Laguinho da 114; nós lavávamos aos sábados, inclusive eu. Eu voltava para a escola no sábado e lavava aquele laguinho. E a meninada da quinta série adorava lavar o laguinho. E me dói o coração quando eu ' chego lá e o laguinho está soterrado (RISOS), não é? mas tudo bem, é a evolução, não é? é a evolução. Nós temos que progredir... (ENTREV.: NEM PARA MELHOR, NEM PARA PIOR, NÃO É?) (RISOS) - ...mudar, não é? nós temos que mudar, não é? temos que mudar, a vida é contínua; eu sempre digo: a vida é um contínuo movimento, não é? é dinâmico, não é? e educação é dinâmica. Então, não podemos, saudosismo nos sufocar. Então, constantemente melhorar. Eu digo isso. Eu dou aula na faculdade só por isso, porque eu gosto de contar para os meus alunos da faculdade, porque tem 20, 30, 40 anos, passar para eles um pouco de fé na educação, porque eles não têm. A expressão "fazendo a faculdade", é para botar um diploma embaixo do braço e sair por aí à fora catando emprego e dinheiro. Então, não é assim a vida. Eu tento transmitir alguma mensagem, porque eu acredito. Eu não sei se é pretensão minha, que eu ainda posso ser um pouquinho útil, nem que seja nisso, de transmitir para eles; fé na educação e mudança, contínua mudança. Nós não podemos parar de estudar; eu ainda estudo. Eu faço curso de filosofia, faço curso de religião, faço curso de história (RISOS), não é? tem que ser, tem que estar constantemente estudando: professor que estuda, digo sempre para eles, meus alunos; professor que pára de estudar, ele não pára, ele retrocede, ele volta, não é? então, talvez, o laguinho na 114, foi bom naquela época, hoje não tem condições de manter, não tem condições de levar os meninos para lavar. A diretora deve ter algum motivo para fazer isso. Todo efeito veio de uma causa, não é? e toda causa produz um efeito (RISOS), não é? então, eu

sou muito assim, muito romântica, eu gosto de poesia, então, mas é a realidade, é a realidade que, às vezes, é... então, cada um tem que sentir a sua.

PERG.: E A SENHORA GOSTARIA DE FALAR MAIS ALGUMA COISA, OU ACRESCENTAR MAIS ALGUMA COISA QUE NÓS NÃO LEMBRAMOS? FIQUE INTEIRAMENTE À VONTADE, NINGUÉM...

RESP.: Assim, que me lembre... eu tenho tanta história, tenho tanta coisa bonita na minha vida de Brasília. Eu só quero dizer que eu tive muita oportunidade em Brasília. Brasília me abriu assim, horizontes maravilhosos. Eu amo essa cidade. Eu senti, é como se fosse minha filha, senti nascer, senti crescer, cheguei aqui na poeira, mas a poeira não me fez mal. O contrário, a poeira só me fez bem. Eu fiz amizades, verdadeiros irmãos, contato diário, como acabei de dizer, com professores brilhantes, oito horas de vida conjunta, ali, que ficava; oito horas, o mínimo, porque era de oito para frente, não é? então, eu aprendi muito, aprendi muito com gente maravilhosa. E só tinha uma mensagem para os nossos professores: que eles tenham fé na educação, que eles semeiem, porque só a semeadura... e preparem a terra fértil dos nossos coraçõeszinhos aí dos nossos alunos, que só a terra fértil por um bom professor, por um professor dedicado, um professor que tenha emoção. Professor que é frio, professor que não tem poesia na alma, é um professor que não sente a fé na educação. Então, não pode ser um bom professor. Um professor que sente, que semeia pode vir; vem, encontra, tenho encontrado coisas maravilhosas na minha vida, de alunos meus, de colegas de trabalho quando encontro. Então, a gente sente assim, uma satisfação. Não é uma realização, porque realizar-se, a gente nunca vive enquanto não morre, não é? nós estamos constantemente realizando. Então, não é uma realização, mas é uma alegria, é um contentamento da pessoa ter feito alguma coisa. Então, aqui ou no Paraná, onde eu deixei também muita coisa feita. Eu trabalhei 13 anos no Paraná. Tenho saudade dos meus alunos, de regência de classe. Então, eu sempre digo: meu maior orgulho não é ter sido dire-

departamento, ter galgado todos os degraus da administração ' pública. meu maior orgulho foi o de ter sido professora prima

ficha de entrevista da CASEB, que me aprovou como professora em Brasília, dando um resumo e me classificando como um dos melhores que veio para cá... (ENTREV.: PARA O CONCURSO, NÃO É?) - ...para o concurso, o exame de seleção para Brasília. Está aqui também a fichinha do resultado das provas que eu fiz, o número de pontos, o escore do conceito e a avaliação da entrevista. Depois, nós temos, seguindo uma ordem, mais ou menos cronológica, a minha chegada em Brasília, um retratinho na porta da Escola Classe 108, chamada: Escola do IAPB. Uma lembrança do CORREIO BRAZILIENSE, do dia 18/03/61, onde eu estive com as crianças da quarta série da Escola 108 visitando o jornal e explicando... foi explicado como se faz o jornal; o grêmio, exatamente pela 108, fazendo esse trabalho de pesquisa. Uma fotografia, que eu considero histórica, que é do dia 13/10/60, dia da criança; os nossos alunos da 108 no Catequismo, recebendo o presidente Juscelino Kubitschek; e ele num sorriso feliz, abriu os braços para as crianças e todos num alvoroço tentaram abraçá-lo.

PERG.: E ELAS ESTAVAM, ANTES, ORGANIZADAS EM FILA, NÃO É?

RESP.: Estavam organizadas em fila, porque era o presidente que ia chegar. E ele quebrou todo o gelo. Nós estamos achando (RISOS)... as crianças estão todas rindo, estão todas felizes abraçando e no centro da fotografia, a estátua do presidente Juscelino Kubitschek. Em seguida, eu tenho um certificado ainda da CASEB, é anterior... um certificado da CASEB não! do Instituto Superior de Estudo Brasileiro; um curso que eu fiz sobre Brasília... (ENTREV.: É O ISEB, NÃO É?) - ...do ISEB: que me deu o interesse para a minha vinda a Brasília, das palestras que eu assisti. A cartinha do Dr. Armando Hildebrand, me comunicando que eu tinha sido selecionada para vir trabalhar em Brasília e o contrato, as condições ou contrato de professores para as escolas primária de Brasília, com todos os itens, para que nós tivéssemos conhecimento das condições da CASEB. Eu acho que eu estou me atrapalhando nas datas; eu acho que essa é primeira. Tenho o certificado da professora Helena Reis, das provas de seleção para diretora de ensino

elementar, no dia 30 de agosto de 61, quando eu fui classificada para a escolinha da 114, para iniciar a Escolinha da 114; aí tem as fotografias da Escola 114, a escola sem grades (IN-COMPLETO). A escola sem grades, sem espelho d'água... (ENTREV.: SEM MUROS.) - ...sem muros, aberta à comunidade... (ENTREV.: DE QUE ANO FOI ESSA ESCOLA?) - ...63! o mural, que dava volta em todas as salas de aula, na sala de aula, saindo para o corredor, um mural colorido de vidros, como se fosse sem... tudo colorido, não é? todas as cores; vitral assim, colorido, a cantina com os turistas lá, eles tiravam fotografia e depois me mandavam; e algumas fotografias com a equipe docente da escola festejando o natal, um almoço natalino no encerramento de fim de ano. Depois, tem uma lembrança da supervisão em Planaltina, no meu aniversário, quando o grêmio da escolinha de Planaltina me recebeu, me fez um jogral, leu um jogralzinho feito pelas próprias crianças. Ah! e as fotografias quando eu era diretora do departamento, com a rainha (RISOS), com a rainha da Inglaterra (RISOS); a Maria Tereza, a senhora do Dr. Ivan Luz, a senhora do prefeito, Wadjê Gomide. Então, são fotografias históricas; e ainda, a conferência de educadores do DF, que eram muito boas na parte qualitativa do ensino. Eu considero essas conferências, de grande impulso na qualidade dos professores e dos diretores, não sei se ainda há. Havia todo ano uma conferência de educadores no DF. Essa aqui foi a sétima e eu participei de todas.

PERG.: (I N C O M P L E T O) ESTAVA FALANDO NAQUELE DIA, SÃO ORIENTADORES EDUCACIONAIS?

RESP.: Todos! diretores, orientadores, são todos educadores de Brasília. Os que se interessavam, se inscreviam, não é? eram conferências de alto nível. Uma fotografia com a professora Ana Bernardes, na conferência sobre serviço de deficientes visuais; ela dava muita ênfase também, eu era assessora nessa época ao ensino de excepcionais, o ensino especial. Então, se iniciou o ensino especial nessa época. E, a início, as minhas atividades, como as atribuições que eu tinha como diretora de departamento, que é, quando publicadas no DF, um livrinho sobre a filosofia de trabalho no ensino em 62; não se pode sentir de



que forma, mas atendíamos democraticamente as escolas, que falam muito no problema da ditadura de 70, 75, mas nós nunca tivemos assim, uma pressão militar nas escolas, pelo menos, o primeiro grau. Nós tínhamos uma escola completamente, as crianças completamente... aqui estão comprovantes de 72, que é exatamente dentro do período militar e como se atuava nas esco - las. E as minhas honras, as minhas honrarias; a marinha me agradecendo numa operação juventude, porque nós atendíamos "também a conservação da escola, pintávamos as escolas; pedíamos à marinha, a marinha ia lá e pintava as escolas, de vez enquando as escolas e servíamos de intercâmbio com à comunidade. Então, eles mandavam os soldados, marinheiros pintar a escola e a escola ficava bonitinha e conservava. Então, se conservava o nível das escolas. Na Casa Candango também, as festinhas dos Estados, nós tínhamos essa apresentação lá, do Paraná (INCOMPLETO); e, finalmente, que eu recebi agora, este ano, há dois anos, o jubileu de prata, que muito me honrou, o Conselho de Educação, me agradecendo os relevantes serviços "prestados à Educação no Distrito Federal. É a primeira vez que eu recebo oficialmente, o reconhecimento pelo meu trabalho. Então, agradei muito o Conselho ter lembrado de mim. É isso.

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA II, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA ALITA VIEIRA.

.BSB / 27.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 - CEILÂNDIA / DF. - TEL. 376 4167 "recado")